

Vini Jr. e o prêmio bola de ouro: uma discussão sobre jornalismo e racismo a partir do programa “Melhor Futebol do Mundo”

Vini Jr. and The Ballon d'or Award: a discussion about journalism and racism based on the program “Melhor Futebol Do Mundo”

Francielle Maria Modesto MENDES¹

Resumo

O objetivo é analisar como jornalistas esportivos trataram as questões de raça e racismo na cobertura do Ballon d'Or, no episódio do dia 28 de outubro de 2024 do programa “Melhor Futebol do Mundo”. O episódio fez a cobertura da possível premiação do jogador Vini Jr. como melhor jogador da temporada 2023-2024. Para considerar a abordagem dos jornalistas, analisam-se as passagens do vídeo de 1h58min de duração em que eles levantam hipóteses “extracampo” sobre o não recebimento do prêmio. Pelo desempenho em campo, os títulos conquistados, os gols e assistências não haveria motivo para perder o troféu. Mesmo mencionando a possibilidade de a questão racial ter sido um impedimento, eles não relacionam a situação diretamente com o racismo. O referencial bibliográfico é formado por autoras que discutem jornalismo, raça e racismo, caso de Fabiana Moraes (2021, 2022), Márcia Veiga (2014, 2021), Grada Kilomba (2019), Djamila Ribeiro (2019).

Palavras-chave: Jornalismo. Racismo. Futebol.

Abstract

The objective is to analyze how sports journalists dealt with issues of race and racism in their coverage of the Ballon d'Or, in the October 28, 2024 episode of the program “Melhor Futebol do Mundo”. The episode covered the possible award to player Vini Jr. as the best player of the 2023-2024 season. To consider the journalists' approach, we analyze the passages of the 1h58min long video in which they raise “off-field” hypotheses about not receiving the award. Given their performance on the field, the titles won, the goals and assists, there would be no reason to lose the trophy. Even mentioning the possibility that the racial issue was an impediment, they do not directly relate the situation to racism. The bibliographic reference is formed by authors who discuss journalism, race and racism, such as Fabiana Moraes (2021, 2022), Márcia Veiga (2014, 2021), Grada Kilomba (2019), Djamila Ribeiro (2019).

Keywords: Journalism. Racism. Football.

¹ Doutora em História Social pela Universidade de São Paulo (USP). Professora do Curso de Graduação em Jornalismo e de Pós-graduação em Letras na Universidade Federal do Acre (UFAC).
E-mail: franciellemodesto@gmail.com

Introdução

“Melhor Futebol do Mundo” é um programa que faz parte do canal do Youtube da TNT Sports Brasil. Ele é apresentado regularmente às segundas e quintas, às 14h (horário de Brasília), e em dias de jogos da Liga dos Campeões, às 12h (horário de Brasília), pelos seguintes jornalistas brancos que cobrem futebol internacional: Fred Caldeira (Inglaterra), Marcelo Bechler (Espanha/Barcelona), Tati Mantovani (Espanha/Madrid), Clara Albuquerque (França), Arthur Quezada (Portugal).

No dia 28 de outubro de 2024, os cinco repórteres se reúnem para mais uma edição do programa semanal. O vídeo é intitulado “Vini Jr. não vai a Paris para a bola de outro. Inacreditável!” e tem 1h58min de duração. A pauta do dia envolvia a cobertura sobre a entrega do prêmio Ballon d’Or (Bola de ouro) aos melhores jogadores, times e técnicos da temporada 2023-2024 no futebol mundial, na cidade de Paris, na França. O prêmio é dado pela revista *France Football* e a festa de entrega da premiação é organizada pela União das Associações Europeias de Futebol – Uefa.

Na referida data, um dos favoritos a melhor jogador da temporada era o jogador do Real Madrid, o brasileiro Vini Jr. Contrariando todas as expectativas da imprensa nacional e parte da internacional, o Vini Jr. não recebeu o prêmio e horas antes da cerimônia, o clube do jogador afirmou à imprensa mundial que ele e os demais membros da equipe e da comissão técnica não iriam ao evento. O vencedor foi Rodri, jogador espanhol do time inglês Manchester City. A notícia deixou os cinco jornalistas do “Melhor Futebol do Mundo” surpresos e todo o programa daquela data aconteceu em torno desta pauta – por que Vini Jr. não receberia o prêmio e a consequente ausência do jogador em Paris, na França, onde aconteceria a festa de entrega.

O presente artigo tem por objetivo analisar como os jornalistas esportivos trataram as questões de raça e racismo na cobertura do Ballon d’Or, no episódio do dia 28 de outubro de 2024 do programa “Melhor Futebol do Mundo”, que consistia na cobertura da possível premiação do jogador Vini Jr. como melhor da temporada 2023-2024. Para considerar a abordagem dos jornalistas, analisam-se as passagens do vídeo em que eles levantam hipóteses “extracampo” sobre o jogador não receber o prêmio. Segundo os próprios jornalistas, pelo desempenho em campo, os títulos conquistados pelo Real Madrid, os gols e assistências feitas não haveria motivo para perder o troféu.

Vini Jr. e as questões raciais: contextualizações

Por que discutir sobre questões raciais no caso da perda do prêmio? Para responder essa pergunta é preciso entender quem é o jogador envolvido, o seu contexto profissional e político. Vini Jr. é um jogador negro de um dos maiores times do mundo, Real Madrid, e da Seleção Brasileira de Futebol Masculino, constantemente vítima de atos racistas praticados por torcedores, atletas, técnicos, dirigentes.

Em 24 de maio de 2023, o Globo Esporte² listou uma série de episódios racistas sofridos pelo jogador ao longo de sua carreira, principalmente, em estádios na Espanha. A postura combativa do atleta em campo e fora dele contra atos racistas incomoda imprensa, jogadores, técnicos e dirigentes na Europa e isso pode ter sido um dos motivos pelos quais o jogador não foi escolhido o melhor da temporada. Essa possibilidade surge, por exemplo, quando a Uefa se omite de punir times por gritos racistas durante a competição de clubes conhecida como Liga dos Campeões (*Champions League*), quando “os promotores de Madri decidiram não apresentar queixa por cantos racistas de torcedores contra Vinícius Jr. em setembro [de 2022] depois de afirmarem que ‘duraram alguns segundos’ e não constituíram um crime” (G1, 26 de janeiro de 2023). E ainda quando jogadores se pronunciam publicamente contrários a luta do Vini Jr. e negam o fato da Espanha ser um país racista.

Um dos jogadores que se pronunciou publicamente contrário a existência do racismo na Espanha foi Dani Carvajal, colega de clube de Vini Jr e jogador da seleção espanhola de futebol. Para o atleta, os atos não significam que o país possa ser considerado racista: “Não há dúvidas de que a Espanha não é um país racista. Desde pequeno cresci com várias nacionalidades no meu bairro, em Leganés. Só quero lembrar que somos totalmente contra qualquer situação racista nos estádios” (UOL, 5 de setembro de 2024)³.

No Brasil, o jornalista Alexandre Alliatti, do Globo Esporte, afirmou veemente, em 29 de outubro de 2024, que a “perda da Bola de Ouro é reação ao incômodo que Vini Jr. causa”⁴. O mesmo fez a jornalista Ana Thais Matos no programa Seleção Sportv: “Não

² Disponível em: Racismo contra Vinicius Junior: veja tudo sobre o caso | futebol espanhol | ge. Acesso 08 de janeiro de 2025.

³ Carvajal rebate Vini e diz que Espanha não é racista. Acesso em 15 de janeiro de 2025.

consigo não levar a questão do Vini Jr para a questão racial. Esse pra mim é o ponto. (...) Em se tratando de um prêmio europeu, mesmo que tenha 100 jornalistas do mundo inteiro na votação, não consigo não fazer o recorte racial”⁵. Todavia, outro jornalista, o comentarista esportivo Mauro Cezar Pereira, disse na mesma data, no programa transmitido pelo canal do Youtube da Jovem Pan, que “não se pode afirmar que foi racismo”⁶.

Parte da imprensa espanhola não gosta da postura do atleta em campo e se manifesta contrário a ele sempre que há algum tipo de episódio racista em que Vini Jr. cobra posicionamento dos atletas, árbitros e dirigentes esportivos. O brasileiro também é criticado por comemorar gols dançando e por provocar a torcida sempre que ganha um jogo. Marcelo Bechler, jornalista brasileiro que faz parte do programa aqui estudado, disse no episódio de 28 de outubro de 2024, que não gosta da provocação a torcida e aos adversários feita por Vini Jr. Esse pensamento comprova a fala de Grada Kilomba (2019) quando ela diz que o negro pode ser visto como “objeto ruim” quando causa algum tipo de incômodo ao branco. Quando um homem negro dança, gesticula para uma torcida e responde as provocações e ofensas racistas sofridas, isso causa muito desconforto para branquitude, que “é sinônimo de opressão e dominação” (Bento, 2022, p.59).

A seguir observa-se um exemplo da capa de jornal da cidade espanhola de Valência que tratou um dos episódios racistas sofrido por Vini Jr. como episódio isolado e acusou o jogador brasileiro de ser “provocador”, o que foi tratado como justificativa para as ofensas criminosas recebidas:

⁴ Perda da Bola de Ouro é reação ao incômodo que Vini Jr causa. E isso é maior do que qualquer prêmio | blog do alliatti | ge. Acesso 08 de janeiro de 2025.

⁵ Vini jr sem bola de ouro: "não consigo não levar para a questão racial" | #shorts | sportv. Acesso 17 de janeiro de 2025.

⁶ "Sabe quem está feliz hoje???" Mauro Cezar É DIRETO sobre Vinicius Júnior e Bola de Ouro a Rodri!. Acesso 08 de janeiro de 2025.

Figura 1 – Capa do jornal Super Deporte (maio/2023) após jogo entre Valência e Real Madrid em que Vini Jr. foi expulso após se revoltar contra atos racistas sofridos durante o jogo.



Fonte: Super Deporte ataca Vini Jr e diz que racismo foi caso isolado⁷

Em 2022, a emissora Movistar+ registrou o técnico do time do Mallorca mandando os jogadores baterem em Vini Jr.⁸ durante um jogo. No mesmo ano, um agente esportivo, em um programa espanhol chamado El Chiringuito, fez falas racistas ao fato do jogador comemorar seus gols dançando⁹. E como esses, são inúmeros os episódios de falas racistas feitas por pessoas ligadas ao futebol e também pela própria imprensa ao mesmo atleta.

O prêmio Bola de Ouro tem um júri formado apenas por jornalistas esportivos, são 100 jurados do mundo todo, do total 41 são europeus. A América do Sul tem apenas 10 votos e a África tem 20. Votam jornalistas dos 100 primeiros países da lista da Federação Internacional de Futebol – Fifa. Entender o lugar de origem dos jurados também é importante para compreender como eles se organizam politicamente e socialmente. Nas palavras de Fred Caldeira, durante o programa aqui estudado, o voto do prêmio Bola de ouro “é eurocentrista, 100% eurocentrista”.

⁷ Disponível em: Super Deporte ataca Vini Jr e diz que racismo foi caso isolado. Acesso em 18 de abril de 2025.

⁸ Disponível em: Vinicius Junior reclama de técnico do Mallorca: "Disse 'bate nele!'" | futebol espanhol | ge. Acesso 08 de janeiro de 2024.

⁹ Disponível em: Agente de jogadores diz na TV espanhola que Vini Jr. "tem que deixar de fazer macaquice" | futebol espanhol | ge. Acesso 08 de janeiro de 2024.

Após a divulgação do resultado final, jornalistas justificaram publicamente suas escolhas e chamou a atenção a fala de alguns, caso do jornalista polonês Maciej Iwanski: “Escolhi Rodri por sua classe e jogo limpo. Ele não tem redes sociais, se formou na faculdade, e tem humildade”¹⁰. O que foi considerado importante por esse jornalista não faz parte dos critérios da premiação. Seguem critérios de seleção do vencedor: 1. Desempenho individual, especialmente durante momentos decisivos e impressionantes. 2. Conquistas e títulos da equipe alcançados pelo jogador. 3. Classe e *fair play*, destacando comportamentos éticos e esportividade”¹¹. Diante disso, justificar o voto no atleta Rodri por ele não ter rede social e ter ensino superior não é coerente com a proposta da premiação que analisa desempenho nos jogos de futebol e comportamento ética. Sobre esse último aspecto, a entidade organizadora do evento não especifica se isso inclui a vida privada ou somente o desempenho profissional. Mesmo assim, Vini Jr. não teve registros na temporada de atos violentos e desrespeitosos com companheiros, exceto se os jornalistas considerarem comemorações de gols, resposta a provocações e reclamações com juízes sobre entradas violentas recebidas nos jogos e falas racistas como atos antiéticos.

A partir da contextualização do caso Vini Jr., faz-se uma discussão a seguir sobre jornalismo, raça e racismo para entendermos como as temáticas de cunho racial ainda são tratadas no “campo da neutralidade”, como elas podem causar insegurança e desconforto, como no caso dos jornalistas do “Melhor Futebol do Mundo”. Mesmo mencionando a possibilidade do racismo, eles não assumem publicamente que a perda do prêmio em Paris poderia estar relacionada com questões raciais, muito pelo contrário, enfatizam que: “a gente não tem como provar nada” (Fred Caldeira); “A gente não tem como afirmar isso, é muito difícil” (Tati Mantovani), “eu prefiro não ir por aí” (Marcelo Bechler).

¹⁰ Jornalista explica voto em Rodri ao invés de Vini Jr na Bola de Ouro: 'Tem faculdade'. Acesso em 08 de janeiro de 2024.

¹¹ 100 Jornalistas de Todo o Mundo Escolhem o Vencedor do Ballon d'Or - footboom1.com. Acesso em 08 de janeiro de 2024.

Jornalismo, raça e racismo: uma discussão sobre as falas dos jornalistas

Para Lilia Moritz Schwarcz (2012), o conceito de raça se originou no século XVI e compreendeu inicialmente a ideia de grupos de pessoas com origem comum. Esse conceito foi criado pela necessidade dos europeus de se “apresentarem para o mundo como sendo os civilizados, possuidores de costumes, hábitos, tradições, arte, religião, cultura, conhecimento” (Mendes, Queirós, 2021, p. 111).

No pensar da autora (2012), o termo raça é uma categoria classificatória que deve ser compreendida como uma construção social, histórica e cultural, que pertence às representações sociais. Achille Mbembe entende que “raça não existe enquanto fato natural físico, antropológico ou genético” (2018, p. 28). É uma ficção, uma construção, assim como o termo negro, que foi inventado para significar “exclusão, embrutecimento e degradação” (Mbembe, 2018, p.21).

No século XXI, a ideia de raça segue sendo excludente e acentua diferenças entre grupos de pessoas, é também “uma maneira de estabelecer e de afirmar o poder” (Mbembe, 2018, p. 69). Essas diferenças raciais não podem ser naturalizadas para que o racismo que esse conceito origina também não seja, pois ele anula a individualidade para fazer apenas o resumo dos defeitos de seu “grupo racial” (Schwarcz, 2012). Diante disso, é possível afirmar que o sistema racista está sempre se atualizando (Djamila, 2019), pois é “um sistema de opressão que nega diretos, e não um simples ato de vontade de um indivíduo” (Djamila, 2019, p. 12).

No caso de Vini Jr., os jornalistas insistem na narrativa de que ele é “provocador”, “personagem controverso”, “divide muitas opiniões” e recebe “antipatia” dos europeus, e que isso pode ter influenciado o resultado da escolha do prêmio. Os jornalistas demonstram que percebem o cenário adverso onde Vini Jr. joga e o tipo de violência que sofre cotidianamente, mas, como parte de um sistema de poder que também é o jornalismo, não assumem uma prática antirracista, exercem apenas o jornalismo declaratório, que diz ao público o que está acontecendo.

Rosane Borges (2012) salienta que a não experiência racial desses profissionais brancos impede a criação de outras narrativas capazes de abordar dimensões variadas sobre a população negra. Mesmo assim, o jornalismo exerce um importante papel na sociedade contemporânea e cabe aos jornalistas comunicarem “através das fronteiras de classe, étnicas, políticas e sociais existentes” (Traquina, 2005, p. 46). Para exercer esse

processo comunicativo, os jornalistas precisam estar atentos as outras formas de ser e existir socialmente que diferem das suas.

O jornalista esportivo, Tiago Leifert, homem branco, criticou publicamente Vini Jr., em seu canal do Youtube, quando soube que ele não compareceria a festa de entrega do prêmio da *France Football*: “Você deveria ter ido lá, [de] peito estufado, olhando nos olhos dos jornalistas que votaram. Se você tivesse ido você teria sido o campeão moral”¹². O jornalista não entende quão sofisticado é o racismo estrutural e o quanto ele desumaniza a pessoa negra que ocupa lugares de destaque, onde a branquitude não quer que ela esteja. Perder o título que merecia e, por consequência, não comparecer a festa, pode-se conjecturar como sendo a maneira que Vini Jr. teve de demonstrar publicamente sua insatisfação por ter perdido um prêmio em que os números demonstram que o seu desempenho foi melhor (49 jogos, 26 gols, 11 assistências, 3 títulos; gols e participação em gols em jogos importantes).

Como dito por Marcia Veiga (2014), o jornalismo é responsável por produção de sentido, formação de valores e relações de poder. Por isso, não pode ser “descontextualizado dos sistemas de poder que regem as políticas (econômicas, sociais, culturais) da sociedade”. Ele está “interseccionado em suas diferentes formas de conhecer e de produzir conhecimentos” (Veiga, Moraes, 2021, p. 159).

Os meios de comunicação de modo geral têm uma função pedagógica cultural, podendo intervir de forma educativa e didática na produção de saberes cotidianos, altamente relacionada à produção simbólica e atuando como um lugar extremamente poderoso para circulação de valores, concepções e representações. Segundo a autora:

Os discursos midiáticos, deste modo, estão engendrados nas formas como as normas e valores de nossa cultura são significados e compreendidos pelos sujeitos e grupos sociais. Envolvem diretamente os conhecimentos de quem os produz, assim como se apoiam nos saberes dos campos socialmente legitimados (e de poder) (Veiga, 2014, p. 49).

Em nome da neutralidade e da objetividade, tão propagadas ainda hoje no jornalismo, alguns jornalistas temem assumir alguns posicionamentos políticos para o público e exercer seu papel educativo e didático. Como dito por Fabiana Moraes (2022),

¹² (5) Por que Vinicius perdeu a bola de ouro? #aovivo #ballondor #viniciusjr - Youtube. Acesso em 15 de janeiro de 2025.

o racismo sofrido por determinados grupos de pessoas pode ser respaldado pela pretensa ideia de objetividade. Por isso, o jornalismo se exime, muitas vezes, de criticar, analisar, balizar acintes, crimes e agressões.

No caso desses jornalistas do programa em estudo, eles optaram pela pretensa neutralidade, não assumiram publicamente posicionamento sobre o racismo. Eles são obrigados a isso? Não. Mas um posicionamento firme e educativo sobre o tema ajudaria no entendimento social, geraria algum tipo de reflexão ao público, afinal estavam falando ao vivo para mais de 130 mil pessoas, como informado por Bechler ao longo do programa.

Para a autora Liriam Sponholz (2009), a neutralidade pode prejudicar o processo de conhecimento por causa da renúncia à investigação jornalística. O jornalismo não deve apenas se resumir a divulgar uma informação ou tornar algo conhecido. O jornalismo como forma de poder deve reconfigurar suas estruturas para que grupos considerados marginalizados também possam ter visibilidade e manifestem seus interesses. Assim como, o jornalismo não deve adotar uma postura de negação, como no caso do Vini Jr. Negar que o atleta sofreu racismo durante a escolha deste prêmio é “manter e legitimar estruturas violentas de exclusão social” (Kilomba, 2019, p. 34).

Ao longo do programa “Melhor Futebol do Mundo”, o jornalista Marcelo Bechler afirma: “eu prefiro não ir por aí”, quando ele lê o comentário de uma pessoa no *chat* do programa referindo-se aos jornalistas votantes como “racistas malditos”. E esse pensamento remete novamente ao dizer de Kilomba, quando ela afirma que o sujeito branco parece não estar convencido quando diante dos seus olhos presencia um ato racista: “Uma vez confrontado com verdades desconfortáveis dessa história muito suja, o sujeito branco comumente argumenta ‘não saber...’, ‘não entender...’, ‘não se lembrar...’, ‘não acreditar...’ ou ‘não estar convencido...’” (Kilomba, 2019, p.42).

Dos cinco jornalistas que participam do programa, quatro afirmam que o “extracampo” pode ter interferido na decisão final do prêmio. A única que não comentou o assunto foi Clara Albuquerque, que se limitou a relatar o que jornalistas disseram sobre a escolha do vencedor em programas de televisão na França e na Itália. Nenhum jornalista se sentiu confortável para afirmar que houve racismo. A referência as questões raciais e a luta constante do jogador só foram mencionadas pela primeira vez aos 23’25” do vídeo. E a todo momento, eles enfatizavam que Vini Jr. é um “personagem controverso”. Nas palavras de Marcelo Bechler: “Tem gente que fala, se você quer tanto essa luta e *fair-play*, você não pode entregar provocação do outro lado, e isso faz com que muita gente

não goste do personagem Vinicius Jr.”. Ao enfatizar a “opinião” dos europeus, o jornalista dá espaço para um pensamento que deslegitima a luta do jogador brasileiro.

Arthur Quezada enfatiza que existe “uma antipatia pelo Vini Jr” e completa:

O Vinícius tem uma antipatia muito grande, de boa parte dos jornalistas europeus e do europeu como um todo. Quando o Vinícius chega e fala do racismo que, às vezes, ele sofre, ele condena a Espanha como todo – a Espanha é um país racista. Eu acho que sinceramente, na minha opinião, isso aí gera uma revolta e uma antipatia em muita gente.

O pensamento do jornalista faz lembrar a fala de Cida Bento, quando ela diz que “os negros estão fora de lugar quando ocupam espaços considerados de prestígio, poder e mando. Quando se colocam em posição de igualdade, são percebidos como concorrentes” (Bento, 2022, p. 74). Vini Jr. não é apenas um concorrente, ele é também um “incômodo”, palavra usada por Fred Caldeira para se referir a opinião dos europeus em relação ao jogador negro e brasileiro: “tenho a sensação que existe um (...) incômodo do Vinicius, que ele não deveria reagir, que ele deveria ficar calado, que ele deveria, sei lá, jogar futebol”. É como se Vini Jr. tivesse que assumir o que hooks chamou de “manto da invisibilidade” (2019, p.299), apagando todos os traços da subjetividade negra para ser um servo melhor e menos ameaçador (hooks, 2012).

Percebe-se na argumentação dos jornalistas que eles entendem se tratar de uma decisão não futebolista, eles reconhecem o desconforto que o atleta causa a sociedade do futebol mundial quando se pronuncia publicamente sobre racismo. Mas mesmo assim evitam muitas vezes a palavra racismo e a afirmação de que Vini Jr. está novamente sendo vítima desse crime. Rememorando a fala de Djamila Ribeiro, “o silêncio é cúmplice da violência” (2019, p. 38).

Talvez se os jornalistas fossem negros, eles conseguiriam dizer abertamente que se tratava de mais um caso de racismo. Mas os jornalistas brancos reafirmaram diversas vezes suas inseguranças sobre o tema. Fred Caldeira disse: “a gente não tem como provar nada”, enquanto Tati Mantovani, mesmo enfatizando que o não ganho do prêmio era por motivos “extracampo” e que ele é uma “figura única” na discussão sobre racismo, recuou e fez a seguinte consideração: “a gente não sabe o peso da decisão do Vinicius de se tornar a voz de quem não tem voz”. Completou a jornalista:

É muito difícil a gente avaliar até que ponto o que Vini sofre interfere nas atitudes que ele tem ou que o que Vini sofre interfere na opinião das pessoas ou a bandeira que ele levanta interfere na opinião de quem vota neste tipo de prêmio. A gente não tem como afirmar isso, é muito difícil.

Arthur Quezada também é categórico em dizer que a decisão foi tomada longe dos critérios do futebol: “olhando campo e bola, e respondendo a tua pergunta, não faz o menor sentido, então, o extracampo é o que a gente vai colocar como a derrota do Vinicius”. Todavia, a palavra racismo não é mencionada na argumentação do correspondente da TNT.

É comum uma autodefesa no posicionamento das pessoas brancas sobre racismo. Elas têm dificuldade de assumir que o “acesso a oportunidades e recursos é diferente para vários grupos raciais”, que “deparar-se com pessoas negras em posição de liderança” desafia a autoridade branca (Bento, 2022, p. 112). Naquela oportunidade, os jornalistas ainda não sabiam as justificativas dos votantes, só posteriormente, veio à tona por exemplo, um jornalista afirmando que levou em consideração o fato do Rodri ter formação em ensino superior, algo completamente destoante dos critérios de avaliação do prêmio. Todavia, essa afirmação faz lembrar que pessoas brancas e negras acessam recursos a educação, por exemplo, de forma diferente. Para Vini Jr. se tornar um jogador de futebol de alto nível, ele precisou deixar a escola no Brasil, não tendo como conciliar estudo sistematizado e as exigências do futebol.

A admissão da existência do racismo por esses jornalistas era importante para reconhecer que alguns dos “sistemas existentes hoje foram construídos para manter negras e negros em condição de inferioridade” (Bento, 2022, p. 123). Seria uma forma também de ajudar a dismantlar os sistemas de beneficiamento dessas pessoas, e fazer a branquitude reconhecer seus privilégios. Ajudaria na discussão coletiva sobre as responsabilidades punitivas das instituições ligadas ao futebol, agiria no processo de intimidação de atos racistas praticados por jornalistas esportivos, torcedores, jogadores, árbitros, diretores de futebol, entre outras pessoas ligadas ao esporte.

Em contrapartida, quando eles ressaltam e repetem exaustivamente durante o programa esse pensamento “do outro” sobre Vini Jr. ser “controverso”, “a população negra é colocada como grupo perdedor” (Bento, 2022, p. 121), ela é culpabilizada pelos ataques que recebe e em vez de vítima, passa a ser a responsável pelo comportamento violento do outro, afinal, não aceitar calado as ofensas recebidas é a causa de Vini Jr.

“dividir muitas opiniões”, ser considerado “antipático”, como mencionam os jornalistas. O jogador brasileiro vai ser visto, então, como “ameaçador, do qual é preciso se proteger” (Mbembe, 2018, p.27), pois ele não pode ser controlado socialmente.

Marcelo Bechler afirma veementemente ser contra a provocação no futebol, ele menciona o caso de Lamine Yamal, outro jogador vítima de racismo em estádios no seu próprio país, a Espanha. Segundo o repórter, ele também costuma provocar as torcidas adversárias na comemoração dos gols. Usar outro jogador como exemplo ajuda Bechler a fundamentar o fato de que ele não gosta das reações defensivas de Vini Jr. em campo. Quando ele rechaça a provocação em campo, não está apenas dizendo o que os outros dizem sobre Vini Jr., como em alguns momentos enfatizou durante o programa, o jornalista está emitindo sua própria opinião sobre o tema:

Tivemos um caso de racismo no Bernabéu contra Lamine Yamal. Lamine Yamal não falou nada, postou mais uma vez provocando, *eu acho fora do tom* para um garoto de 17 anos que está começando, vai dançar na frente da torcida adversária, vai fazer calma, calma na frente da torcida adversária (...) (grifo meu).

Como dito por Ribeiro (2019), é fundamental que pessoas brancas compreendam os mecanismos pelos quais o racismo opera. Assim afirma bell hooks: “Queria que o público aprendesse a distinguir o racismo que está relacionado ao preconceito declarado das formas mais sutis da supremacia branca” (hooks, 2019, p. 49). Isso quer dizer que Vini Jr. sofre racismo quando um boneco preto é pendurado enforcado numa ponte em Madrid com frases de ódio sobre ele, ele sofre racismo quando um torcedor olha para ele e imita um macaco, mas ele também sofre racismo quando o seu desempenho em campo, muito superior ao dos rivais, é ignorado para que um jogador branco, com desempenho inferior na temporada, receba o prêmio. Porém, esta última forma “sutil” de supremacia da branquitude não é percebida como tal porque os jornalistas brancos não se sentem fundamentados para reconhecer e afirmar isso ao público.

Considerações finais

Por meio da análise das falas dos jornalistas do programa “Melhor Futebol do Mundo”, evidenciou-se que eles até percebem o racismo experienciado pelo jogador Vini Jr. dentro do campo e do “incômodo” causado pelo atleta na Europa por discutir temáticas

raciais com o público e fazer cobranças sobre punições a ataques racistas. Mas se excluem da necessidade de fazer uma análise mais profunda sobre o tema.

Esses cinco jornalistas do programa estudado não demonstram observar o racismo como algo que se organiza estruturalmente e conseguem separar o racismo sofrido por Vini Jr., as exigências de punição feitas por ele aos criminosos, e o resultado final da premiação. Em decorrência disso, eles optaram, na maior parte do programa, por fazer análises estatísticas na discussão da derrota do prêmio. Apresentaram comparações em números sobre desempenhos de atletas concorrentes (Vini Jr., Rodri e Jude Bellingham), levantaram hipóteses sobre o quanto pesa como avaliação o desempenho de Vini Jr. no clube e na seleção brasileira, apontaram a relevância de determinadas competições para decisão de voto, como a Eurocopa – vencida pela seleção espanhola, onde atua Rodri – e a Copa América, não vencida pelo Brasil e Vini Jr. Buscaram explicações lógicas para tentar justificar a perda do prêmio, mesmo em alguns momentos do Programa, destacando que sabem exatamente o desconforto causado pelo atleta no contexto europeu.

Tomando esse episódio como exemplo, é possível inferir o quanto o jornalismo ainda precisa amadurecer nas discussões sobre questões raciais. Nenhum dos cinco comunicadores brancos sustentou a afirmação de se tratar de um caso de racismo e optaram por enfatizar que o “extracampo” e o comportamento “provocador” do jogador incomodam as pessoas ligadas ao futebol. Dito de outro modo, mesmo quando o mérito do homem negro é reconhecido publicamente, ele ainda pode ser prejudicado porque seu comportamento é considerado inadequado e a culpa disso será atribuída a si mesmo.

Os jornalistas adotaram, então, como postura aquilo que Cida Bento (2022) chama de isenção da branquitude, apoiados pela ideia positivista do jornalismo de que é preciso imparcialidade, objetividade e neutralidade. Dessa forma, evitaram as considerações sobre racismo, mesmo sendo eles, alguns dos jornalistas que acompanham Vini Jr. em jogos pela Europa e pela seleção brasileira, e muitas vezes, presenciando atos e falas criminosas de torcedores, atletas, dirigentes e profissionais da imprensa.

Referências

BENTO, Cida. **O pacto da branquitude**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

BORGES, Rosane. Mídia, racismos e representações do outro: ligeiras reflexões em torno da imagem da mulher negra. In: BORGES, Roberto; BORGES, Rosane. **Mídia e racismo**. Petrópolis. RJ: DP et Alli, DF: ABPB, 2012.

BONECO com camisa de Vinícius Jr. aparece 'enforcado' em ponte em Madri; jogador espera punição contra crimes de ódio, diz representante. **G1**. 26 de janeiro de 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2023/01/26/boneco-com-camisa-de-vini-jr-aparece-enforcado-em-ponte-em-madri-jogador-espera-punicao-contra-crimes-de-odio-diz-representante.ghtml>. Acesso em 15 de janeiro de 2025.

HOOKS, Bell. **Olhares negros**: raça e representação. Tradução Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2019.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação**: episódios de racismo cotidiano. Tradução Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

MBEMBE, Achille. **Crítica da razão negra**. Tradução: Sebastião Nascimento. São Paulo: n-1 edições, 2018.

MENDES, Francielle; QUEIRÓS, Francisco. “Não sou racista, minha obra prova”: uma reflexão sobre jornalismo e racismo no Brasil. In: MENDES, Francielle; SILVA, Wagner; QUEIRÓS, Francisco Aquinei. **Pesquisa em comunicação**: jornalismo, raça e gênero. Rio Branco: Nepan, 2021.

MORAES, Fabiana. **A pauta é uma arma de combate**: subjetividade, prática reflexiva e posicionamento para superar um jornalismo que desumaniza. Porto Alegre: Arquipélago, 2022.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno manual antirracista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Nem preto nem branco, muito pelo contrário**: cor e taça na sociedade brasileira. São Paulo: Claro Enigma, 2012.

SPONHOLZ, Liriam. **Jornalismo, conhecimento e objetividade**: além do espelho e das construções. Série Jornalismo a rigor. V.4. Florianópolis: Insular, 2009.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo**: a tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional. Florianópolis: Insular, 2005.

'ESPANHA não é racista'. Carvajal rebate Vini, e prefeito cobra retificação. **UOL**. Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/futebol/ultimas-noticias/2024/09/05/espanha-nao-e-racista-carvajal-rebate-vini-e-prefeito-cobra-retificacao.htm?cmpid=copiaecola>. Acesso 15 de janeiro de 2025.

VEIGA, Márcia. **Masculino, o gênero masculino**: modos de produção das notícias. Série jornalismo a rigor. V.8. Florianópolis: Insular, 2014.

VEIGA, Márcia; MORAES, Fabiane. Onde está Ruanda no mapa? Decolonialidade, subjetividade e o racismo epistêmico do jornalismo. In: MENDES, Francielle; SILVA, Wagner; QUEIRÓS, Francisco Aquinei. **Pesquisa em comunicação**: jornalismo, raça e gênero. Rio Branco: Nepan, 2021.